



O SAGRADO MARGINAL MEXICANO COMO RESISTÊNCIA EPISTÊMICA EM *TEMPORADA DE FURACÕES* DE FERNANDA MELCHOR

*The Mexican marginal sacred as epistemic
resistance in Temporada de Furacões by Fernanda
Melchor*

Justine Prinstrop*

Recebido em: 08/04/2026

Aprovado em: 24/07/2026

Resumo: Este artigo analisa a figura da Bruxa no romance *Temporada de Furacões* (2017), de Fernanda Melchor, como um símbolo do sagrado marginal e da resistência epistêmica no México contemporâneo. A partir de um diálogo com a historiografia sobre a feitiçaria colonial (Alberro, 1988) e os conceitos de santidade controvertida (Rubial García, 1999) e ética da libertação (Dussel, 2000), argumenta-se que a personagem transcende o arquétipo literário para encarnar um saber subalterno que emerge da violência e do abandono estatal. A análise demonstra como a eficácia de seus rituais e sua identidade de gênero dissidente operam como formas de agência política e corporal. O estudo conclui que o sagrado controvertido, manifestado na Bruxa, funciona como uma epistemologia própria que desafia a totalidade da modernidade excludente, oferecendo uma forma de resistência em contextos de extrema precariedade.

Palavras-chave: Sagrado Controvertido; Resistência Epistêmica; Fernanda Melchor; México.

Abstract: This article analyzes the figure of the Witch in the novel *Temporada de Furacões*, by Fernanda Melchor, as a symbol of marginal sacredness and epistemic resistance in contemporary Mexico. Drawing on a dialogue with historiography on colonial witchcraft (Alberro, 1988) and the concepts of

* Mestra em Processos e Manifestações Culturais (Universidade FEEVALE, 2022). Pós-graduanda em Decolonização, racismo e gênero: urgências contemporâneas (EMH). Graduada em História (Universidade Feevale, 2018). Email: jprinstrop@gmail.com ORCID: 0009-0008-1259-7103

controversial sanctity (Rubial García, 1999) and ethics of liberation (Dussel, 2000), it is argued that the character transcends the literary archetype to embody a subaltern form of knowledge that emerges from violence and state abandonment. The analysis demonstrates how the effectiveness of her rituals and her dissident gender identity operate as forms of political and bodily agency. The study concludes that the controversial sacred, as manifested in the Witch, functions as a distinct epistemology that challenges the totality of exclusionary modernity, offering a form of resistance in contexts of extreme precarity.

Keywords: Controversial Sacred, Epistemic Resistance, Fernanda Melchor, Mexico.

Introdução:

Fernanda Melchor (1982 - Veracruz, México) é uma das vozes mais proeminentes da literatura contemporânea latino-americana. Suas obras emergiram no cenário global com narrativas viscerais acerca da brutalidade, pobreza e marginalidade que permeiam o México rural. *Temporada de Furacões* (2017), seu romance mais conhecido, é um testemunho literário da capacidade da autora de transformar a tragédia em uma reflexão profunda sobre a condição humana em contextos de extrema precariedade.

O romance se inicia com a descoberta do corpo de uma figura conhecida apenas como “A Bruxa” em um rio no fictício e miserável vilarejo de La Matosa, no estado de Veracruz. Este evento central é o fio norteador de uma narrativa sufocante, tecendo histórias de diversos personagens cujas vidas se entrelaçam em uma teia de violência, desespero e desejo que culminou no assassinato. La Matosa é retratada como um microcosmo do México profundo, onde a ausência do Estado é preenchida por lógicas próprias de poder, marcadas pela exploração, pela misoginia, pela homofobia e por uma profunda miséria material e existencial. A investigação do crime serve como pretexto para dissecar as feridas abertas de uma sociedade que parece ter abandonado seus mais vulneráveis, revelando as motivações e as consequências da violência que se manifesta nos corpos e nas paisagens.

A escolha de La Matosa como cenário apresenta o que alguns teóricos contemporâneos (Agamben, 2003; Klein, 2014) identificam como zonas de

sacrifício do capitalismo tardio, espaços onde a vida é reduzida à sua dimensão biológica mais precária e onde a lei é substituída por um estado de exceção permanente. Ao focar na Bruxa, Fernanda Melchor não propõe uma romantização do folclore mexicano, mas sim uma análise sobre como o místico se torna a última fronteira de resistência em um ambiente onde a razão moderna falhou no provimento da dignidade. Este cenário de desolação serve como o solo fértil para o florescimento de uma sacralidade que não pede permissão para existir, desafiando a lógica da produtividade e do progresso ao reafirmar a presença de forças que a modernidade tentou, sem sucesso, catalogar como meras superstições do passado.

A figura enigmática da Bruxa transcende o arquétipo literário para se tornar um símbolo do sagrado marginal (Rubial García, 1999). Herdeira de saberes ancestrais, curandeira, conselheira e ao mesmo tempo humilhada e execrada pelos moradores de La Matosa, ela ocupa um espaço liminar entre o sagrado e o profano, entre o aceitável e o marginalizado. Sua casa, um antro de segredos, serve como refúgio para os degenerados e desesperados, sendo o epicentro de uma rede de crenças e práticas que moldam a vida dos habitantes do vilarejo, em que as crenças e os rituais emergem da necessidade de exercer alguma forma de agência em um mundo onde as estruturas formais de poder são ineficazes e opressoras.

Para compreender a profundidade histórica da representação da Bruxa, é imperativo situar a análise literária de *Temporada de Furacões* na historiografia mexicana, voltando-se principalmente para as obras de Alberro (1988) e Rubial García (1999), traçando continuidades e rupturas entre o passado colonial e o presente contemporâneo do México. Alberro (1988) argumenta que a feitiçaria nos tempos coloniais era um espaço de mestiçagem cultural, onde saberes indígenas, africanos e europeus se fundiam e que operava como um recurso de poder para grupos marginalizados que não tinham acesso aos canais formais de poder. Já Rubial García (1999) explora a construção do sagrado mexicano à margem do sagrado institucional, muitas vezes conferindo poder místico às

figuras marginais e destacando a ideia da eficácia do rito como central para a religiosidade popular, onde a busca por soluções práticas e rápidas para problemas cotidianos supera as “sutilezas ideológicas” (1999, p. 24).

| 177

O sagrado controvertido é uma constante histórica no México, especialmente nas áreas rurais, onde as comunidades desenvolveram suas próprias formas de lidar com o divino e o sobrenatural, muitas vezes em contraste com as normas oficiais. Neste contexto, a representação da Bruxa também pode ser lida à luz de Dussel (2000) e da ideia de produção de conhecimento a partir da experiência dos povos colonizados, servindo como uma epistemologia própria e oferecendo uma compreensão do mundo e uma capacidade de ação que são inacessíveis ou ineficazes para a lógica ocidental dominante. É um saber que resiste, que cura, que amaldiçoa e que, acima de tudo, dá sentido à vida em um contexto de desamparo radical. O sagrado marginal, portanto, encarna uma forma de agência política e epistêmica que desafia as narrativas hegemônicas sobre o que as definições de conhecimento e poder.

O artigo está dividido em dois capítulos que aprofundam a análise do sagrado controvertido em *Temporada de Furacões*. No primeiro capítulo, a figura da Bruxa será apresentada como uma continuidade das *hechiceras* coloniais (Alberro, 1988). Será analisado como a personagem encarna a mestiçagem cultural e a resistência epistêmica, utilizando o místico como um recurso de poder em um contexto de marginalidade. A discussão se aprofundará na forma como a feitiçaria, ao longo dos séculos XIX e XXI, manteve sua relevância em comunidades rurais mexicanas, preenchendo lacunas deixadas pelas instituições estatais e religiosas formais (Reina, 1980).

O segundo capítulo se dedicará à análise do sagrado marginal em La Matosa, dialogando com Rubial García (1999) e Dussel (2000), apresentando como as crenças e rituais da narrativa operam como forma de conhecimento alternativa, que emerge da precariedade e da violência.

Sendo assim, a figura da Bruxa em *Temporada de Furacões* emerge como um ponto focal para a compreensão do sagrado marginal mexicano, revelando as

intersecções entre história, poder e resistência em um contexto hostil e brutal. A análise busca desvendar como essa sacralidade alternativa opera, também, como forma de agência política e epistêmica.

1. A Bruxa como elemento de continuidade e ruptura histórica:

A figura decomposta da Bruxa, que emerge das águas turvas do rio em La Matosa, não é uma criação isolada de Fernanda Melchor, mas sim o eco de uma longa linhagem de personagens que habitam as mesmas margens da história e da sociedade mexicana. Sua gênese remonta ao período colonial, onde as *hechiceras* desempenhavam um papel ambíguo e poderoso, encoberto pela mesma aura de repulsa e admiração que àquela atribuída à Bruxa do livro. Este capítulo busca explicar como esta personagem manifesta contemporaneamente essas figuras, encarnando a mestiçagem cultural e a resistência epistêmica que florescem em contextos de opressão e abandono.

A historiadora mexicana Solange Alberro (1988) revela que, entre 1571 e 1770, a feitiçaria, longe de ser apenas uma superstição a ser erradicada pela Inquisição, operava como um complexo espaço de negociação cultural e poder, estando diretamente vinculada ao conceito de mestiçagem. Nela, convergiam e se fundiam saberes de matrizes indígenas, africanas e europeias, criando um sistema de crenças híbrido que servia às necessidades de uma população igualmente diversa e marginalizada. Em uma sociedade rigidamente hierarquizada, onde o acesso ao poder formal era restrito às elites espanholas, a feitiçaria se convertia em um recurso vital para os grupos subalternos (indígenas, escravos, mestiços e até mesmo para mulheres espanholas de baixa condição) e

as práticas mágicas ofereciam uma via alternativa para influenciar a realidade, resolver aflições cotidianas e exercer alguma forma de agência.

| 179

Partindo da ideia de que as *hechiceras* atuavam na resolução de problemas práticos como o amor não correspondido, doenças, gravidez indesejada ou injustiças de algum senhor (Alberro, 1988), a Bruxa pode ser vista como herdeira direta dessa tradição sincrética, já que é ela quem detém o conhecimento das ervas, atua como conselheira e detém os segredos que os demais não ousam nomear em La Matosa. Ela, como suas antecessoras históricas, transforma a exclusão em forma de poder, e seu conhecimento, desprezado pela lógica dominante, torna-se indispensável para a sobrevivência da comunidade, mesmo que seja negada publicamente.

(...) e a Bruxa cravou os olhos nela, e Norma sentiu um calafrio, mas logo conseguiu manter o olhar, e sabe-se lá o que foi que leu nos olhos de Norma, porque depois de um tempo removendo com uma barra as brasas do fogão à lenha disse que tudo bem, que faria, que prepararia para Norma sua famosa mistura, essa coisa espessa e salgada e espantosamente quente por causa de todo o álcool que a Bruxa jogava, junto com amontoados de ervas e uns pós que tirou de potes imundos e que ao final verteu dentro de um frasco de vidro que deixou em frente à Norma sobre a mesa (MELCHOR, 2020, p. 101).

Ruth Behar (1987) destaca como as mulheres, em particular, utilizavam práticas mágicas para subverter as rígidas normas de gênero e exercer alguma forma de controle sobre suas vidas e relacionamentos. Em comunidades onde a voz feminina era frequentemente silenciada e a violência de gênero era endêmica, a mulher que detinha conhecimentos ocultos podia inspirar tanto temor quanto respeito, conferindo-lhe uma autoridade de outra forma lhe seria negada.

Sabe como é quando as mulheres querem amarrar você: pegam umas gotas de sangue sujo delas e sem que você se dê conta jogam na sua água ou no caldo, ou pingam uma gotinha no seu calcanhar quando você está dormindo, e isso é suficiente para deixar você louco por elas, assim como você está pela Norma, não se dá conta? (MELCHOR, 2020, p. 77)

Historicamente, as práticas místicas ofereceram refúgio e poder a indivíduos que não se encaixavam nas normas sociais e de gênero dominantes. Behar (1987) que aborda as relações entre sexualidade e feitiçaria no México colonial tardio, aponta as maneiras como mulheres utilizavam o místico para exercer algum tipo de controle em contextos de opressão, o que também conversa com a Bruxa de Melchor, que ao decorrer da narrativa, apresenta sua identidade transgênero, podendo ser vista como uma extensão desta tradição de transgressão. Ao habitar um corpo que desafia as classificações rígidas de gênero, a Bruxa encarna uma forma de mestiçagem não apenas cultural, mas também corporal e identitária. Ela é um corpo que resiste à categorização, um entre-lugar que desestabiliza as certezas de uma comunidade já fragilizada.

No livro, sua existência é ultrajante, pois afronta a moralidade conservadora patriarcal (que não existe no povoado, mas permeia os imaginários), tornando-a alvo central de misoginia, homofobia e transfobia. A violência que culmina em seu assassinato é, em parte, motivada pelo ódio e pelo medo do que ela representa: um desafio radical à ordem estabelecida. No entanto, é precisamente essa marginalidade extrema que também a dota de um poder singular. Sua capacidade de operar fora das normas, de compreender e manipular as forças que os outros temem, é intrinsecamente ligada à sua identidade. Ela se torna uma figura de agência, mesmo que essa agência seja exercida a partir das sombras e através de meios não convencionais.

Umas bichas feias e meio malucas, como essa tal de Bruxa, caralho; o traveco de La Matosa que vivia encerrada naquela casa sinistra em meio aos canaviais e que deixava Brando todo arrepiado por um bagulho bem louco que não tinha nada a ver com as trepadas, e sim com algo que falavam para ele quando era criança, quando brincava na rua e sua mãe queria que ele fosse para dentro e ele não queria, e então a mãe dizia que se ele não entrasse imediatamente, a Bruxa iria levá-lo, e um dia, caralho,

casualidades da vida!, por pura zoeira, ia passando pela rua essa louca, que de vez em quando aparecia em Villa toda vestida de preto, com aquele véu que cobria seu rosto por completo, a quem chamavam de Bruxa, e sua mãe apontou para ela e disse a Brando: viu só? Aí está a Bruxa para levar você, e Brando ergueu o olhar e se deparou com aquele espectro grotesco, e saiu correndo feito doido para dentro de casa, onde se escondeu debaixo da cama, e passou um bocado de tempo antes que o coitado se atrevesse a brincar na rua de novo (MÉLCHOR, 2020, p. 167).

É fundamental compreender que essa continuidade histórica apontada por Alberro (1988) não se dá de forma linear, mas através da resistência aos projetos de higienização cultural do Estado mexicano. A Bruxa encarna o que Behar (1987) classifica como a vontade de saber das mulheres marginalizadas, um conhecimento que não se encontra nos livros, mas na observação atenta das fragilidades humanas e das propriedades ocultas da natureza. Ao contrário da ciência institucional, que busca a universalidade, o saber da Bruxa é situado e relacional; ele responde ao aqui e agora da dor e do desejo. Essa herança colonial de feitiçaria é ressignificada na obra de Melchor como uma ferramenta de sobrevivência psíquica. O medo que a personagem inspira na comunidade é, portanto, o medo do retorno do recalcado colonial: a presença incômoda de uma autonomia que a modernidade/colonialidade acreditava ter domesticado ou aniquilado.

A Bruxa de Melchor é uma figura que expande a mestiçagem das *hechiceras* para o campo da identidade de gênero, tornando-se um símbolo ainda mais potente da resistência epistêmica em um contexto de extrema precariedade e violência. Sua história é um lembrete de que as margens da sociedade são frequentemente os locais onde as formas mais radicais de resistência e as mais profundas redefinições de poder emergem. Seu poder, embora temido e muitas

vezes marginalizado, é real e tangível para os habitantes do vilarejo, oferecendo-lhes uma forma de redenção em um mundo que os abandonou.

| 182 A transição para o México independente e posteriormente para os séculos XIX e XX não erradicou a relevância das práticas místicas e da feitiçaria, especialmente nas áreas rurais. De acordo com Reina (1987), a ausência de um Estado centralizado e a persistência de estruturas sociais e econômicas desiguais permitiram que essas práticas continuassem a florescer, preenchendo as lacunas deixadas pelas instituições formais. A Igreja Católica, embora presente, não conseguia atender às necessidades espirituais e materiais da população mais pobre de forma abrangente, transformando a figura das *hechiceras* ou curandeiras em pontos de referência essenciais, principalmente por proporcionarem, em alguns casos, uma forma de justiça alternativa.

A relevância destas práticas no México rural não se esgotou com a consolidação do Estado-Nação, com a Revolução Mexicana ou com as muitas tentativas de modernização do século XX (em que houve grande esforço para marginalizar mais ainda e até criminalizar essas práticas que representavam o “atraso”). Ao invés disso, as *hechiceras* e curandeiras se adaptaram, muitas vezes incorporando elementos do catolicismo popular e de outras tradições, tornando-se ainda mais essenciais em tempos de crise e incerteza (Escalona, 2008).

Para adensar a contextualização histórica da Bruxa como uma figura de ruptura e continuidade, é necessário adentrar nas dinâmicas de poder apresentadas por Alberro (1988), que argumenta que a feitiçaria durante o período colonial era uma prática fronteiriça, onde os papéis sociais eram parcialmente dissolvidos. Em La Matosa, essa herança se manifesta na ambiguidade da Bruxa: a ruptura histórica aqui reside no fato de que, enquanto

na colônia, a *hechicera* ainda operava dentro de um sistema de crenças que o Estado (Inquisição) reconhecia como real (embora herético), no México contemporâneo de Melchor, a Bruxa é relegada ao campo da abjeção total. Ela não é mais uma adversária espiritual do Estado, mas um "resto" de uma modernidade que se pretende racional, mas que falha em proteger seus cidadãos.

A transição da figura da *hechicera* para a modernidade rural mexicana pode ser melhor compreendida através das análises de Reina (1987) sobre as rebeliões camponesas e a formação da identidade rural. O campesinato mexicano possui uma relação de exterioridade e resistência histórica ao Estado centralizador; as comunidades rurais desenvolveram sistemas de autoridade próprios, onde as curandeiras frequentemente ocupavam papéis de liderança. O místico, para Reina (1987) é uma forma de organização da vida comunitária contra as incursões predatórias do capital e do latifúndio. Quando Reina (1987) descreve como as práticas religiosas populares serviam para coesionar grupos marginalizados contra a opressão dos *hacendados*, ela nos ajuda a ver a Bruxa como uma figura que, embora solitária, mantém viva uma memória de autonomia, que é diretamente afetada pelas mazelas do capitalismo predatório. O "tesouro" da Bruxa, que os jovens de La Matosa buscam, é a metáfora perfeita para essa ruptura: o que antes era um saber místico e comunitário (o verdadeiro tesouro da *hechicera* colonial) agora é imaginado apenas como riqueza material, ouro acumulado, refletindo a desintegração dos laços simbólicos em favor da avidez moderna.

Porque a verdade era que, para o comandante Rigorito, a morte da Bruxa não significava porra nenhuma, e a única coisa que o arrombado queria saber era onde estava o ouro (MELCHOR, 2020, p. 149).

Portanto, a contextualização histórica através de Alberro (1988), Behar (1987) e Reina (1987) revela que a Bruxa de Melchor não é um anacronismo, mas o resultado de um longo processo de adaptação e resistência. Ela representa a continuidade de um saber que o México oficial tentou erradicar, mas que sobrevive nas sombras, oferecendo uma forma de verdade — por mais dolorosa que seja — que as instituições formais são incapazes de processar.

2. A Bruxa e o sagrado controvertido como resistência epistêmica:

A análise da religiosidade em *Temporada de Furacões* exige uma compreensão que ultrapassa os limites das instituições religiosas hegemônicas. Em La Matosa, o místico não se manifesta através de templos ou dogmas estruturados, mas sim por meio do sagrado marginal e periférico, dialogando com a obra de Rubial García (1999), que argumenta que a veneração de figuras marginais e o desenvolvimento de rituais alternativos são respostas diretas às lacunas deixadas pelo Estado em contextos de precariedade social e violência.

Esta santidade periférica se constrói à margem de processos de legitimação institucional, emergindo da consciência coletiva que busca proteção em figuras que compartilham da sua própria precariedade. Nesses espaços, o milagre não é apresentado como uma exceção à regra, mas como única regra possível para a sobrevivência nestes universos que negam a humanidade dos indivíduos (Rubial García, 1999). Em La Matosa, a figura da Bruxa personifica esse sagrado controvertido: seus rituais, embora vistos como obscuros ou malignos pela perspectiva externa, operam para a comunidade como uma alternativa à interpretação da realidade, em que as crenças e práticas não são superstições,

mas formas de conhecimento que emergem da urgência da vida. A Bruxa Velha, mãe da Bruxa e também herdeira das *hechiceras*, foi acusada de diversos crimes. A maioria deles vinculados à proteção de outras mulheres, atingindo diretamente o patriarcado, sendo apontada como suspeita

por ter envenenado seu Manolo e enfeitado os filhos para que morressem naquele acidente; por castrar os homens do povoado e debilitá-los com seus trabalhos e bruxarias e, acima de tudo, por ter arrancado do ventre das mulheres ruins a semente plantada ali por direito” (MELCHOR, 2020, p. 29).

Como propõe Enrique Dussel (2000), o conhecimento que nasce da periferia — o saber da vítima — é uma resposta necessária aos discursos totalizantes que são também excludentes. O autor argumenta que a ética deve partir da corporalidade sofrida da vítima e que a vida humana é o critério ético material fundamental, logo, qualquer sistema que produza vítimas é intrinsecamente injusto. O conhecimento que emerge desse lugar de exclusão possui uma validade epistemológica própria:

O conhecimento que nasce da precariedade não é um 'não-saber', mas uma sabedoria da sobrevivência, uma ética que coloca a vida da vítima como o ponto de partida para qualquer crítica ao sistema vigente. É a razão do Outro que, a partir de sua dor, desmascara a pretensa universalidade do sistema que o oprime (Dussel, 2000, p. 145).

A proposta de Dussel (2000) sobre a ética da libertação encontra na Bruxa uma materialidade radical, pois ela não apenas sofre a exclusão, mas a transforma em um lugar enunciativo de onde emana uma crítica à totalidade. Quando Rubial García (1999) discorre sobre a santidade controvertida, ele nos permite ver que a sacralidade da Bruxa não reside em uma transcendência descolada do mundo, mas em sua imanência absoluta no solo de La Matosa. O sagrado é o que resta

quando todas as outras instituições falharam: é o recurso final do despossuído. Essa resistência epistêmica manifesta-se na recusa em aceitar a morte como o único destino possível para os subalternos. Ao realizar seus ritos, a Bruxa opera uma suspensão momentânea da ordem vigente, criando um espaço-tempo onde a agência é recuperada através do simbólico. Não se trata de uma fuga da realidade, mas de uma confrontação direta com ela, utilizando o místico para suturar as feridas que a economia política da violência insiste em manter abertas.

Nesse sentido, os rituais em La Matosa são tentativas de organizar o caos e a violência estrutural. Diferente da santidade tradicional, que exige a virtude moral como pré-requisito, a Bruxa torna-se uma figura de autoridade mística que preenche o vazio deixado pelo Estado. Essa relação entre sagrado e precariedade apresentada no livro evidencia o que Dussel (2000) chama de razão libertadora, em que crer no místico é, paradoxalmente, uma forma de afirmar a existência em um mundo que trabalha ativamente para apagá-la. Crer no poder da Bruxa é uma forma de dizer que o mundo não se resume à violência policial ou à exploração do trabalho; existe uma dimensão do real que escapa ao controle hegemônico.

Aprofundando a perspectiva de Rubial García (1999), o conceito de sagrado controvertido não se limita à existência de práticas religiosas marginais, mas reside fundamentalmente em sua eficácia pragmática em contextos de desamparo. Em La Matosa, a Bruxa não é procurada por sua pureza moral ou por alinhar-se a dogmas estabelecidos - muito pelo contrário -, mas sim porque seus ritos funcionam. O que ela oferece não é uma intervenção divina que suspende as leis naturais, mas uma solução concreta para problemas cotidianos; sua santidade é funcional, forjada na urgência da vida e na ausência de alternativas. O autor aponta a ideia de economia do sagrado, onde há uma troca entre devoto

e divindade, baseada na reciprocidade de favores e na obtenção de resultados reais, sendo a Bruxa, uma provedora de serviços essenciais que lida com o que não pode ser resolvido por meios convencionais.

| 187

Essa eficácia do rito desafia o sagrado oficial, que muitas vezes exige fé incondicional e resignação diante do sofrimento. A Bruxa, ao contrário, intervém e transforma, empoderando os despossuídos e oferecendo-lhes uma ferramenta para reverter, ainda que simbolicamente, as condições de opressão. Sua casa torna-se o local dessa economia do sagrado, um espaço onde as regras do mundo exterior são suspensas e onde a lógica da necessidade prevalece sobre a moralidade imposta. A sujeira, a desordem e a ambiguidade de sua morada refletem a própria natureza do sagrado controvertido: algo que não se encaixa nas categorias limpas e ordenadas da religião institucional, mas que pulsa com uma vitalidade crua e necessária para a sobrevivência.

(...) e a Bruxa só meneava a cabeça sem dar atenção a Chabela, ocupada levando troços de um lado para o outro naquela cozinha imunda, aquele cômodo de teto baixo e paredes cheias de estantes com frascos empoeirados e desenhos de bruxarias e estampas de santos com os olhos riscados e recortes de velhas vadias mostrando o sexo aberto (MELCHOR, 2020, p. 101).

Esta desordem em relação aos padrões hegemônicos se opõe à totalidade moderna/colonial, que nega e invalida os saberes e experiências subalternos - os marginalizados, os povos originários, as bruxas e corpos dissidentes. O conhecimento da Bruxa, enraizado em tradições ancestrais e em uma compreensão não-linear do mundo, é precisamente o que essa totalidade busca apagar, classificando-o como superstição ou ignorância. A feitiçaria, nesse contexto, deixa de ser uma mera crença para se tornar um instrumento de resistência epistêmica. A Bruxa, ao manipular ervas, invocar espíritos ou realizar

rituais, não está apenas curando corpos, mas também restaurando uma forma de conhecimento que foi violentamente reprimida.

| 188

Além disso, a Bruxa em sua identidade transgênero, envelhecida e marginalizada, encarna a corporalidade sofrida que Dussel (2000) coloca no centro de sua ética da libertação. É através de sua existência que a dor e a exclusão se tornam visíveis e, paradoxalmente, fonte de poder. A violência que ela sofre – a misoginia, a homofobia, a transfobia – é a mesma violência estrutural que atinge a comunidade de La Matosa. Ao absorver e transmutar essa dor em agência mística, a Bruxa transforma seu corpo em um ponto de convergência para as aflições coletivas.

Diferente dos sacerdotes ou líderes religiosos institucionais, cujo poder deriva de uma autoridade hierárquica e muitas vezes distante, o poder da Bruxa emana de sua própria experiência de marginalização. Seu corpo é um arquivo vivo de saberes ancestrais e de estratégias de sobrevivência. Ela encarna a razão do Outro, e seu corpo representa um testemunho material da injustiça e, ao mesmo tempo, a possibilidade de resistência. O sagrado periférico, portanto, não é abstrato; ele é encarnado, palpável, e se manifesta nas feridas e na resiliência dos corpos marginalizados, como o da Bruxa.

Dizem que no último instante, antes de os rapazes aqueles a apunhalaram, ela conseguiu lançar um feitiço para se transformar em outra coisa: um lagarto ou um coelho que correu para se refugiar no buraco mais profundo do monte (MELCHOR, 2020, p. 201).

Neste contexto, a eficácia do rito mencionada por Rubial García (1999) é, em si, um ato de desobediência epistêmica. Ao recorrer à Bruxa, os indivíduos praticam uma ruptura com a hegemonia do conhecimento técnico-científico e institucional. Essa escolha revela a priorização da experiência vivida e da

ancestralidade em detrimento de uma promessa de progresso que nunca chegou às zonas rurais mexicanas. A Bruxa torna-se, assim, a guardiã de uma memória que, embora fragmentada pela violência, mantém viva a capacidade de agência política através do místico. O sagrado marginal não é, portanto, um resquício do passado, mas uma resposta contemporânea e urgente à falência das instituições modernas em territórios de sacrifício.

A confluência entre o sagrado controvertido (Rubial García, 1999) e a ética da libertação de Dussel (2000) revela uma poderosa chave interpretativa para o fenômeno da Bruxa. A eficácia pragmática dos seus ritos são centrais para a religiosidade popular mexicana, podendo ser compreendida como uma manifestação concreta da razão do Outro que Dussel propõe. Ou seja, a capacidade de gerar soluções e sentido em um contexto de desamparo não é apenas uma alternativa ao sagrado oficial, mas uma forma de conhecimento que emerge da exterioridade, da experiência dos oprimidos, e que desafia a totalidade hegemônica.

A figura da Bruxa em *Temporada de Furacões* sintetiza a resistência epistêmica ao encarnar a intersecção entre o sagrado controvertido (Rubial García, 1999) e a ética da libertação (Dussel, 2000). Ela é a prova viva de que, mesmo nas condições mais brutais de exclusão e violência, a capacidade humana de criar sentido e de resistir através de saberes não-hegemônicos persiste. Seu poder, enraizado na sua identidade dissidente e na sua eficácia ritualística, torna-se um farol para a compreensão de como as epistemologias do Sul, gestadas nas margens da modernidade, oferecem caminhos para a reexistência e para a construção de um mundo onde múltiplas formas de conhecimento e de ser são possíveis e valorizadas.

Considerações finais:

| 190

Ao longo deste estudo, a figura da Bruxa em *Temporada de Furacões* de Fernanda Melchor emergiu não apenas como um personagem central da narrativa, mas como um potente catalisador para a compreensão de fenômenos complexos que atravessam a história e a contemporaneidade mexicana: o sagrado controvertido, a resistência epistêmica e a persistência de saberes subalternos frente à violência estrutural e à modernidade excludente. A análise empreendida buscou desvendar as camadas de significado que envolvem essa figura enigmática, situando-a em um diálogo relevante com a historiografia da feitiçaria colonial (Alberro, 1988; Behar, 1987), com a teoria decolonial (Dussel, 2000) e com a religiosidade popular mexicana (Rubial García, 1999).

O primeiro capítulo estabeleceu a Bruxa como uma continuidade das *hechiceras* coloniais, demonstrando como a mestiçagem cultural e a resistência epistêmica se manifestaram historicamente através de práticas místicas. A capacidade dessas figuras de operar como recursos de poder para grupos marginalizados, preenchendo lacunas deixadas pelas instituições formais, foi um ponto crucial. A transição para o México independente e a persistência dessas práticas no ambiente rural, conforme analisado por Reina (1987), sublinharam a resiliência de um saber que o Estado e a Igreja tentaram erradicar.

No segundo capítulo, aprofundou-se a discussão sobre o sagrado controvertido como uma epistemologia própria, emergindo da precariedade e da violência de La Matosa. A obra de Rubial García (1999) foi fundamental para entender como a veneração de figuras marginais e o desenvolvimento de rituais

alternativos são respostas diretas às falhas do Estado. A eficácia do rito mostrou-se como um ato de desobediência epistêmica, uma ruptura com a hegemonia do conhecimento técnico-científico. A Bruxa, como guardiã de uma memória subterrânea, mantém viva a agência política através do místico, oferecendo uma razão do Outro que prioriza a experiência vivida e a ancestralidade. A identidade dissidente da Bruxa, por sua vez, potencializa essa resistência, transformando seu corpo em um território de nova fundamentação ética e espiritual.

Temporada de Furacões é, em sua essência, um romance que expõe as feridas abertas de uma modernidade falida, especialmente nas periferias do México. A ausência do Estado, a violência endêmica, a misoginia e a homofobia são sintomas de um sistema que abandona os vulneráveis. Nesse cenário, o sagrado controvertido não é um anacronismo, mas uma resposta urgente e necessária. A Bruxa, com sua complexidade e ambiguidade, representa a persistência de um México profundo que se recusa a ser silenciado ou apagado. Sua história é um lembrete de que as margens da sociedade são frequentemente os locais onde as formas mais radicais de resistência e as mais profundas redefinições de poder emergem. O romance de Fernanda Melchor, ao dar voz a essa realidade, contribui para uma literatura que não apenas denuncia, mas também ilumina os caminhos da resiliência e da reexistência.

Em última análise, a Bruxa de Fernanda Melchor funciona como um espelho deformado que devolve à sociedade mexicana a imagem de suas próprias contradições não resolvidas. O estudo aqui apresentado reafirma que o sagrado marginal não é um resquício de "atraso", mas uma tecnologia de resistência sofisticada, capaz de oferecer amparo onde o contrato social foi rompido. A eficácia do rito, conforme proposta por Rubial García (1999), e a razão da vítima,



defendida por Dussel (2000), convergem para demonstrar que a literatura contemporânea pode atuar como um arquivo de saberes dissidentes. Ao final da leitura de *Temporada de Furacões*, o que resta não é apenas a memória de um crime brutal, mas a constatação de que, nas frestas da modernidade excludente, pulsam formas de vida e de conhecimento que desafiam a hegemonia. A Bruxa morre na narrativa, mas sua função epistêmica permanece como um desafio aos pesquisadores e leitores: o de reconhecer a validade de mundos que existem para além da fronteira da civilização oficial.

As considerações finais deste estudo apontam para a necessidade de uma leitura crítica e decolonial da literatura latino-americana, que reconheça a riqueza e a complexidade dos saberes e práticas que emergem das margens. A figura da Bruxa é um convite para descolonizar o olhar, para questionar as hierarquias epistêmicas e para valorizar as múltiplas formas de conhecimento que coexistem e resistem. A literatura, ao dar forma a essas experiências, torna-se um campo fértil para a reflexão sobre as possibilidades de agência e transformação social em um mundo marcado por profundas desigualdades. A obra de Fernanda Melchor, com sua visceralidade e profundidade, oferece um terreno fértil para continuar a desvendar as complexas intersecções entre literatura, história, religiosidade e política na América Latina contemporânea, reafirmando a importância de ouvir as vozes que emergem das margens para construir uma compreensão mais completa e justa do mundo.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.



ALBERRO, Solange. *Inquisición y sociedad en México, 1571 - 1700*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.

BEHAR, Ruth. Sex and sin, Witchcraft and the Devil in late colonial Mexico. *American Ethnologist*, v. 14, n. 1, p. 34-54, 1987.

| 193

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ESCALONA, José. *Los curanderos en México: una historia social*. Michoacán: El Colegio de Michoacán, 2008.

KLEIN, Naomi. *This changes everything: Capitalism Vs. The Climate*. New York: Simon & Schuster, 2014.

MELCHOR, Fernanda. *Temporada de Furacões*. Rio de Janeiro: Mundaréu, 2020.

REINA, Leticia. *Las rebeliones campesinas en México (1819 - 1906)*. México: Siglo XXI Editores, 1987.

RUBIAL GARCÍA, Antonio. *La santidad controvertida: hagiografía y conciencia criolla en el México virreinal*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.